

# BOLETIM DO MUSEU DE BIOLOGIA

PROF. MELLO LEITÃO

SANTA TERESA — E. SANTO — BRASIL

---

Série: DIVULGAÇÃO — N. 41 — 25 7 1973

---

Ser. DIVULGAÇÃO — Nr. 41 — 25-7-1973

## CRIAÇÃO E REPRODUÇÃO DE BEIJA-FLORES EM CATIVEIRO

Augusto Ruschi  
Museu Nacional

Ac completar este ano, em 15 de dezembro de 1933, quarenta anos que publiquei o pequeno trabalho sobre a criação e reprodução de beija-flores em cativeiro, e como foi registrado nessa publicação, ter sido a primeira vez que se conseguira reproduzir beija-flores em cativeiro, resolvi reeditar esse pequeno trabalho, uma vez que há muito foi exgotado e quasi não se teve conhecimento do mesmo no mundo da ornitologia.

Reedição, com respectivas ilustrações do original.

## CRIAÇÃO E REPRODUÇÃO DE BEIJA-FLORES EM CATIVEIRO

Augusto Ruschi — Santa Teresa. 15-XII-1933

As espécies criadas foram:

Balança rabo: *Glaucis hirsuta* Gmelin

Verdinho de bico vermelho: *Chlorostilbon aureoventris pucherani*  
(Bourcier & Mulsant)

Rabo branco: *Anisoterus pretrei* (Lesson & De Lattre)

A reprodução em cativeiro, foi conseguida com as duas ultimas espécies. Segundo nos parece esta foi a primeira vez que tais aves se reproduziram em cativeiro, assim resolvemos dar a presente publicidade com notas e ilustrações em desenho, Figs. 1 a 10

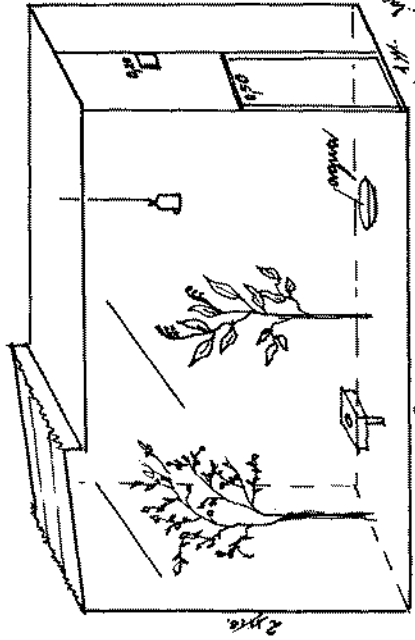
Ha alguns anos iniciei a cultura de orquideas no Orchidário de meu pai, José Ruschi, na Chácara Annita onde também ha uma floresta virgem, com muitas espécies dessas epifitas regionais. Entre outras encontrei florida no mes de Novembro de 1928 e anos seguintes um exemplar de *Stanhopea graveolens* a qual sempre era visitada por uma espécie de beija-flor marron de bico curvo com a mandíbula inferior amarelo, tendo a cauda arredondada com retrizes castanhas parte subterminal com uma faixa negra e estreita faixa terminal branca, sendo vulgarmente aqui chamado de "balança rabo" porque quando pousado fica a balançar a cauda.

O fato de esta orquidea ter sido encontrada em vários anos sendo visitada por essa espécie de beija-flor, e realmente termos não só constatado que essa ave capturava arachnideos que no labelo da flor se alojavam, como também capturavam as drosófilas que ali apareciam devido o odor nauseabundo que a flor exalava. Esse fato, induziu-me a estudar a biologia dessa espécie de beija-flor e mais tarde de outras espécies.

Até então, conforme pude verificar, unicamente eram, desde os últimos anos do século passado e no princípio deste, mantidos vivos em cativeiros, nos jardins Zoológicos de Frankfurt, levados pela primeira vez pelo ornitólogo Francês, Prof. Jean Delacour e segundo a bibliografia que pude consultar nesse sentido, nada ha no sentido reprodução em cativeiro. Porisso as presentes notas são de certa forma, uma modesta contribuição no campo da ornitologia. Das observações realizadas em natureza para em seguida ensaiar a manutenção e chegar a reprodução em cativeiro. Ao acompanhar o "Balança-rabo" pela floresta verifiquei que suas flores preferidas eram as flores de varias espécies de gravatás epifitas e terrestres, de flores vermelhas, amarelas, além de algumas espécies de Musaceas, aqui denominadas vulgarmente de bananeirinha da mata, além de frequentarem as flores de Ingazeiras e também no jardim da Chácara Anita as flores de Independencia e de Balãozinho vermelho, Eucalypto, Sanguê de Adão e de certas Calanchoes e também as flores das bananeiras, laranjeira e limoeiros. **Nidificação** — em 1929, no jardim da Chácara Anita pendurado na extremidade de uma folha de Palmito, verifiquei que uma fêmea do balança-rabo iniciou no dia 14-X — a construção do seu ninho; seguindo-lhe pude verificar que tirava da extremidade das folhas de outras palmeiras do Jardim, longas fimbrias dos folíolos que pareciam fios de crina de muare ou cavalos e os levava para coloca-los no local escolhido, fazendo voo em círculos para envolver esse material e também buscava fios de teia de aranha, que de igual forma era colocada junto com esse outro material, para mante-lo fixado; assim foi construído o ninho em cinco dias, sendo que ficou ele na parte inferior com uma cauda alongada, e tendo na extremidade pequenos fragmentos de folhas e de gravetas, bem como poucos musgos e líquens.

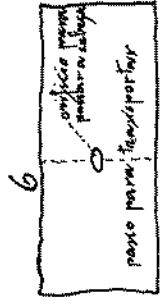
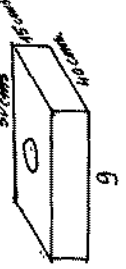
No sexto dia foi colocado o primeiro ovo, de cor branca e no oitavo dia e segundo ovo, esses foram pesados e medidos, tendo 16x10mm e pesando 0,65grs. a incubação foi iniciada logo no dia seguinte a postura do segundo ovo e a fêmea só deixava o ninho no máximo por vinte minutos quando saía para tomar alimento; a noite permanecia sempre no ninho. Com o vento a folha balançava e o ninho se mantinha em equilíbrio, parecendo que tal apêndice caudal era justamente para manter tal equilíbrio; com 17 dias de incubados somente pela fêmea, nasceu o primeiro filhote e no dia seguinte o segundo filhote. A alimentação administrada pela fêmea foi feita e constituída de nectar e insetos e também de micro-aranhas, entre insetos, dípteros, micro-himenópteros e micro-coléopteros, buscados em flores de Ingazeira e de outras flores do parque, como as já referidas, além de grãos de pólen dessas flores que é apanhado pela língua acidentalmente, pois o retiram ao buscarem o nectar, passando com a língua onde está, ou mesmo no nectário onde caiu.

O conteúdo estomacal era por mim extraído com um exaustor feito com um conta-gotas e era examinado em uma lupa, além de ser pesada cada ração, para poder saber da quantidade ministrada pela mãe aos filhos. No final de 22 dias os jovens deixaram o ninho, mas voltaram para o mesmo, mais tarde, antes do anoitecer; não saíram das imediações do mesmo durante os tres primeiros dias. Após, já foram levados pela mãe para um local mais abrigado e assim pude acompanhá-los até o décimo dia, quando já iniciaram a visitação das flores de Independencia e também de Gladiolos. No ninho observei que seus movimentos eram bem característicos, seja para defecarem, levantando a parte da região anal, para, como um jato atirarem as fezes para fora e longe do ninho, para tanto faziam movimentos rotatórios no ninho e elevando a região anal. Também sempre que iam receber alimentação da mãe, elevavam muito a cabeça para em seguida abrirem o bico e assim a mãe introduzia o lico até ao engulviro para deixar o alimento, que é de consistencia pastosa. A proporção de insetos e artropodos varia dos primeiros para os últimos dias

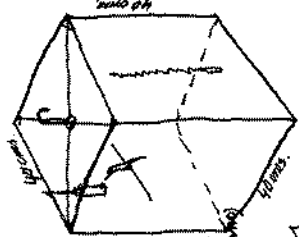


4 viveiro para reprodução

10 Vara de madeira c. 5 mm para capturar e fazer o nido



10



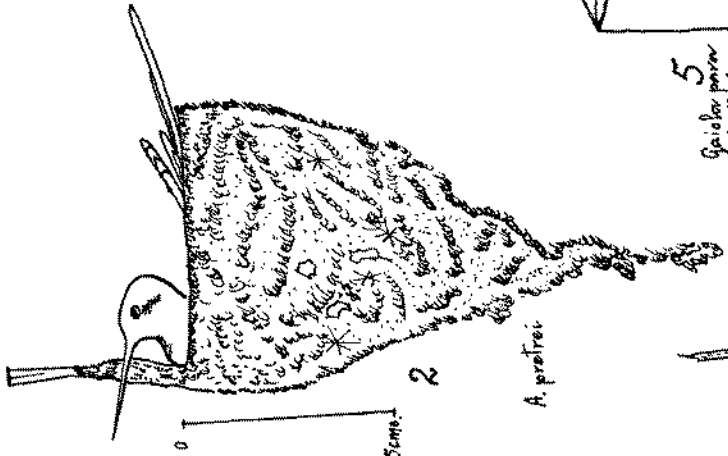
5 gaiolas para adaptação ao tipo de terra (de pauco)



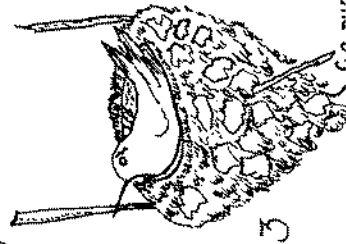
modo de cabeç. car. no passo transportar



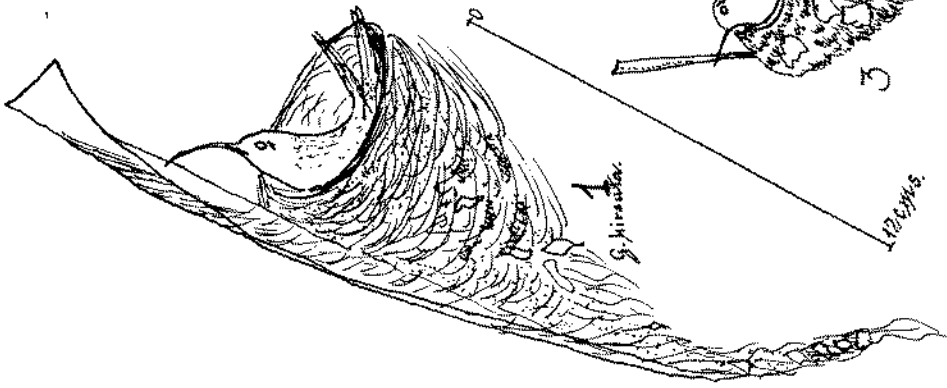
modo de cabeç. car. no passo transportar



2



S. hirundin.



S. hirundin.

car. no passo transportar

de ninho e após, fora do ninho, já passa a dominar maior dosagem de nectar na dieta alimentar, cerca de 80% de nectar e 20% de insetos e mais tarde, quando adultos, o nectar perfaz mais de 90%.

Uma vez feito essas observações, também com outras espécies de

belça-flores que nidificaram no jardim e na floresta da Chácara Anniã, pude tirar os jovens do ninho de uma espécie cuja fêmea é pequena, de cor cinza e dorsalmente verde claro, tendo parte da mandíbula alaranjada e a cauda azul metálico-negro, com extremidade branca, e cu'o macho é verde azulado brilhante e o biquinho vermelho; Verdinho de bico vermelho; *Chlorostilbon aureoventris pucherani* (Bourcier & Mulsant) esse tinha o ninho em formato de tijela, preso em raízes de gramíneas no barranco da estrada que vai para o morro da floresta; no dia 26-8-1930 tirei os jovens com 4 dias de nascidos e passei a tratá-los em uma gaiola, onde foi colocado o ninho, e com um conta-gotas, ministrava-lhes, introduzindo o mesmo pela boca até ao engulvio e a água e açúcar na percentagem de 25% era misturada com drosófilas amassadas, fazendo uma mistura mais densa; cada ração era dada de 20 em 20 minutos tempo igual ao adotado pela genitora, e num bocado de lcc. Assim, conseguí faze-los crescer e tornar-se adultos.

Levando-os para um viveiro de 2x2x1ms. de comprimento, largura e altura, respectivamente; tendo no interior não só um pequeno arbusto para pouso e dormir, bem como um local de meio metro de diâmetro com água, no solo, para o banho. Também fora introduzido no viveiro uma caixa, com um orifício central de 16cms. de diâmetro, e ali no interior colocadas frutas (banana, abacaxi, jaca etc) para fermentação e criação de drosófilas, que eram avidamente caçadas todos os dias, como dieta de proteínas viva. Assim chegaram após um ano, em 1930 a construção do ninho em cativeiro sobre o arbusto já ali existente. Foi colocado o material no mês de abril, e era constituído pe paina de *Typha*, teia de aranha, algodão e fragmento de folhas, musgo, etc.

O ninho foi construído em dez dias, só trabalhando a fêmea em sua construção, iniciado em 18-8 e no dia 29 foi posto o primeiro ovo e no dia 31 o segundo, mediam 14,5x8 pesando 0,44 sendo seguida a incubação por 14 dias e nascendo o primeiro jovem em 14-9 e no dia seguinte o segundo, e ambos deixaram o ninho no dia 9 de outubro de 1930, e se tornaram independentes da mãe no dia 19 do mesmo mês, quando foram separados para outro viveiro com as mesmas dimensões e recursos do anterior. Uma parte do viveiro, sempre esteve coberta, para abrigá-los da chuva e em locais abrigados do vento. Rabo branco; *Anisoterus pretrei*; o seu ninho foi construído na parte de um graveto pendente do teto da teia do viveiro é de formato alongado, com apêndice caudal como na espécie "Balança rabo", tendo entretanto material de construção diferente, pois não usa fibra de palmeiras e sim é todo de paina de *Typha*, paina de gramíneas e paina de bromélias (gravatas), só a fêmea trabalhou na construção e incubação de dois ovos que mediram 16,5x10mm. e pesaram 0,72grs. a incubação durou 15 dias e a alimentação dos jovens era idêntica a das espécies referidas. Nectar, água com açúcar insetos e pequenas aranhas, além de pólen, conforme exame do conteúdo estomacal retirado do jovem após receber alimento da mãe. No interior do viveiro onde há plantas de Independência, não só para nectar, mas para atração de insetos, como micro-himenópteros e outros, que foram constatados no conteúdo dos jovens, bem como seu pólen. Os jovens deixaram o ninho com 26 dias e pude observar como reconheciam a mãe no momento que lhe trazia alimento, a cada 20 minutos, pois ela dando um piado, os jovens logo alçavam a cabeça no ninho e também piavam repetidamente, já assim com 14 dias de idade.

A alimentação ministrada era água e açúcar, em concentração de 25% e drosó hilas obtidas nas caixas já descritas e nectar das flores bem como pequenas aranhas.

O tipo de viveiro é idêntico ao descrito para a criação da espécie precedente.

Bibliografia consultada:

- GOELDI, E — 1894 — Aves do Brasil, Livraria Classica de Alves & Cia.  
— Rio de Janeiro.  
HARTERT, E — 1900 — TROCHILIDAE — Das Tierreich. Deutchen Zoologischen Gesellschaft. Berlin.  
GOULD, J — 1854 — Vol. I — Monographia Trochilidae.  
SIMON, E. — 1921 — Histoire Naturelle des Trochilidae (Synopsis et Catalogue). Paris.

Como se trata dos primeiros casos de reprodução em cativeiro de aves dessa família, que tenho conhecimento faço esta publicação.

Estamos continuando a criá-los.

Atualmente já conseguimos reproduzir mais de 150 espécies em cativeiro

SUMMARY

In this paper, the Author describes for the first time hummingbirds breeding in captivity in Santa Teresa — E. E. Santo — Brazil at the year of 1936.